

A PRIORI, A POSTERIORI, ABSTRATO E CONCRETO: SOBRE A RELAÇÃO LÍNGUA-LÍNGUAS E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA TEORIZAÇÃO SAUSSURIANA

CAMILA PILOTTO FIGUEIREDO¹; DAIANE NEUMANN²

¹Universidade Federal de Pelotas – figueiredo.camilapilotto@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas– daiane_neumann@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Ao separar a mudança linguística das condições exteriores das quais ela depende, F. de Saussure a priva da realidade; ele a reduz a uma abstração, que é necessariamente inexplicável. (MEILLET, 1916 *apud* SOFIA; SWIGGERS, 2016, p. 32, tradução nossa).

A crítica de Antoine Meillet, fortemente realizada ao *Curso de Linguística Geral* (CLG) em sua primeira recepção na França, ainda não está superada no Brasil. Muitas vezes, encontramos afirmações de que, para Saussure, é necessário estudar apenas a língua, de modo que as línguas acabam sendo desconsideradas de sua reflexão. Tal crítica incide sobre as interpretações que fazemos acerca do modo como os princípios semiológicos operam quando em relação às línguas particulares.

No CLG ([1916] 1967), é apontado que, diferentemente das outras ciências, cujo objeto é dado de antemão, em linguística nada de similar ocorre. A perspectiva de que o ponto de vista cria o objeto advém justamente da especificidade do objeto dessa nova ciência. Naturalmente, se temos um objeto distinto, não é de se espantar que o método e a natureza de suas proposições também o sejam.

Visto que a semiologia foi posta como uma ciência do porvir, ela foi pouco explorada, acreditando-se não haver muito a tratar sobre ela. Não obstante, é possível realizar uma reflexão teórica, considerando primeiramente qual é a natureza dos princípios semiológicos, ou seja, se eles são de caráter *a priori* ou *a posteriori*. Tal investigação será de fundamental importância para explicar como o objeto língua relaciona-se às línguas na teorização do genebrino.

O presente trabalho tem por objetivo defender que os princípios fundadores de semiologia geral são de natureza *a priori*, mas que, quando aplicados às línguas, cria-se a possibilidade teórica de estabelecimento de princípios *a posteriori*, que estão em consonância com os primeiros e que são particulares a grupos de sistemas de signos específicos; há, pois, uma reconsideração dos princípios semiológicos. Nossa pesquisa justifica-se, na medida em que, analisar o caráter dos princípios contribui para compreendermos como o objeto língua e as línguas se conectam no pensamento saussuriano.

2. METODOLOGIA

A pesquisa realizada é de cunho bibliográfico e teórico, sendo abordadas como obras centrais o *Curso de Linguística Geral*, os *Escritos de linguística Geral* (ELG) e o *Terceiro Curso de Linguística Geral* (III CLG). Além disso, serão mencionados artigos e obras de pesquisadores da perspectiva historiográfica e filosófica que contribuam para o enriquecimento do debate proposto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No documento "Sobre a essência dupla da linguagem", encontramos um manuscrito intitulado "3a [Abordar o objeto]" em que Saussure coloca as generalizações como ponto de partida de investigação linguística, consequentemente, afastando-se da perspectiva indutivista como modo de geração dos princípios dessa ciência:

Ora, há de primordial e inerente à natureza da linguagem o fato de que, por qualquer lado que se tentar abordá-la - justificável ou não - não se poderá jamais descobrir, aí, indivíduos, ou seja, seres (ou entidades) determinados em si mesmos sobre os quais se opera, *depois*, uma generalização. Mas há, ANTES DE TUDO, a generalização e nada além dela; ora, como a generalização supõe um ponto de vista que serve de critério, as primeiras e mais irreduzíveis entidades com que se pode ocupar o linguista já são o produto de uma operação latente do espírito. (SAUSSURE, [2002] 2004, p. 26).

Ao negar a possibilidade de análise dos fatos linguísticos em si mesmos, a passagem nega que possam ser feitas generalizações a partir de uma pretensa tentativa de análise neutra dos fatos e, ainda, afirma de modo categórico, em caixa alta, que anteriormente a qualquer coisa, há a generalização.

A concepção de indutivismo de que Saussure se afasta é a do empirismo clássico, perspectiva que entende que a ciência começa com a observação, de modo que as proposições universais, que constituem o conhecimento científico, são generalizações que advêm de proposições particulares, geradas mediante observação e experimentação. Trata-se do conhecido indutivismo ingênuo (CHALMERS, 1993).

Afastar-se do indutivismo como base para os princípios semiológicos significa dizer que eles não são meras generalizações empíricas, que decorrem das descrições das línguas, mas hipóteses que, conjuntamente, constituem a base teórica explicativa do modo de estudar o novo objeto, ou seja, os princípios epistemológicos, bem como o funcionamento da língua enquanto sistema semiológico. Essa interpretação é compartilhada por Normand (2000):

Se a linguística aqui proposta é geral, [...] a perspectiva se inverte: a generalidade proposta é a de princípios e é por isso que o *Curso de Linguística Geral* é uma epistemologia em que se encontra claramente posta a necessidade de hipóteses. Não se parte mais da linguagem como óbvia, enunciam-se os princípios *a priori* que permitem definir a linguagem e, por conseguinte, descrevê-la. (NORMAND, 2000, p.466, *tradução nossa*).

Do fato de estarmos afirmando que na base da teoria saussuriana estão hipóteses *a priori*, não podemos inferir que esses princípios não dialoguem com as línguas particulares e se reduzam a abstrações. Na *Primeira Conferência na Universidade de Genebra*, Saussure deixa claro que tratarmos de um sistema suposto não significa que haja uma separação entre o abstrato e o concreto:

Querer estudar a linguagem sem estudar sem se dar ao trabalho de estudar suas diversas manifestações que, evidentemente, são as línguas, é uma empreitada absolutamente quimérica; por outro lado, querer

estudar as línguas esquecendo que elas são primordialmente regidas por certos princípios que estão resumidos na ideia de linguagem é um trabalho ainda mais destituído de qualquer significação séria, de qualquer base científica válida. (SAUSSURE, [2002] 2004, p. 128-129)

Em outras palavras, um estudo que considerasse apenas a língua ou apenas as línguas é impossível. Nos ELG, Saussure afirma que, após abordar os princípios da continuidade e transformação do signo, será ocasião de estudar a fonética do grego e do latim, "onde as ocasiões para aplicar esses princípios se apresentam sem cessar" (SAUSSURE, [2002] 2004, p. 132-133). Assim, será a partir dos princípios que as línguas serão analisadas.

Essa passagem deixa clara a necessidade fundamental dos princípios para analisarmos as línguas de modo particular. Assim, aquilo que observaremos como fatos, as relações entre os signos, serão todos feitos à luz da compreensão do funcionamento do sistema. Quando partimos dos princípios, aquilo que for analisado das línguas permitirá que nos voltemos novamente à compreensão da natureza da própria língua. Há, assim, uma via de mão dupla, pois as generalizações dos princípios permitirão compreendermos as línguas particulares e, da mesma forma, estas nos ajudarão a compreender novamente a língua.

Entendemos que nesse processo de retorno e aplicação dos princípios semiológicos às línguas, o processo indutivo também é fundamental, entretanto, os processos de indução não terão mais caráter ingênuo, para usarmos a nomenclatura de Alan Chalmers, pois nesse caso serão precedidos pela teorização dos princípios semiológicos e servirão para iluminar a compreensão das línguas particulares analisadas, além esclarecer o problema da língua. Trata-se, então, de processos complementares:

Todo o valor dependerá de um valor vizinho ou de um valor oposto, e também, mesmo **a priori**, visto que se produz uma alteração, um deslocamento da relação, como julgaremos <diante> dos termos ao misturar as épocas [?] <Valor ou contemporaneidade, é sinônimo. Escolheremos nós eixo do tempo ou eixo oposto [?]> **De qualquer modo, este é apenas o raciocínio a priori. A observação a posteriori vem verificar esse raciocínio!?** Sim! **<A experiência conduz à mesma conclusão>**. (SAUSSURE, 1993, p.104, *grifo nosso, tradução nossa*)

A observação *a posteriori* não só confirma um princípio colocado *a priori*, como também permite que avaliemos quais princípios são restritos a um sistema ou a um grupo de sistemas de signos específicos. Tullio de Mauro, na nota 144 de sua edição crítica ao CLG (1967), afirma que o caráter linear dos signos é um princípio específico aos sistemas de signos de linguagem verbal. René Amacker, por sua vez, na obra *Linguistique Saussurienne* (1975), denomina esse tipo de princípio (o único por eles encontrado) como um "princípio restritivo", pertencente a uma "semiologia particular", que é, nesse caso, a língua (AMACKER, 1975, p. 137;140).

Concordamos com os autores quando afirmam que a linearidade é um princípio de semiologia particular, na medida em que no próprio CLG aponta-se tal especificidade:

por oposição aos significantes visuais (sinais marítimos, etc.), que podem oferecer complicações simultâneas em várias dimensões, os significantes acústicos dispõem apenas da linha do tempo; seus elementos se apresentam um após o outro; formam uma cadeia (SAUSSURE, [1916] 1967, p. 103).

Em outras palavras, a simultaneidade característica de alguns sistemas de signos visuais é o que demonstra que a linearidade não rege tais sistemas semiológicos e, portanto, é um princípio semiológico específico a sistemas linguísticos verbais. A constatação da especificidade desse princípio ocorre não de modo *a priori*, mas *a posteriori*, pois é necessário cotejar o sistema semiológico da língua com outros sistemas de signos.

4. CONCLUSÕES

Admitir que existe um ponto de vista anterior, uma teoria que crie o objeto de uma ciência é admitir a necessidade de abstrações para o fazer científico, o que se caracterizava como o horror do positivismo, o qual aceitava no máximo generalizações que adviessem diretamente dos fatos observáveis. A perspectiva aqui defendida, que mostra a necessidade de uma epistemologia a qual tenha como ponto de partida princípios *a priori* mas que, a partir daí, considere a especificação *a posteriori* dos princípios nas línguas, evidencia como Saussure não só não desconsiderava as línguas particulares, mas entendia que a relação entre língua-línguas era fundamental para explicar o fenômeno linguístico. Cai por terra, então, a interpretação da visão de língua saussuriana destituída de relação com a realidade das línguas particulares e abre-se espaço para considerar princípios semiológicos regionais, específicos a grupos de natureza similar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMACKER, R. **Linguistique saussurienne**. Genève: Droz, 1975.

CHALMERS, A. F. **O que é a ciência, afinal?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

NORMAND, C. La généralité des principes. In: **Histoire des idées linguistiques**: Tome 3: L'hégémonie du comparatisme. Sylvain Auroux (dir.), Mardaga, 2000, p.463-472.

SAUSSURE, F. **Escritos de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, [2002] 2004.

SAUSSURE, Ferdinand. **Cours de linguistique générale**. Edição crítica preparada por Tullio de Mauro. Éditions Payot & Rivages: Paris, 1967 [1916/1967].

SAUSSURE, F. **Troisième Cours de Linguistique Générale/Third Course in General Linguistics (1910-1911)**: d'après les cahiers Emile Constantin (Ed. e trad. E. Komatsu e G. Wolf). Oxford/Tokyo u.a.: Pergamon, 1993.

SOFIA, E.; SWIGGERS, P. Le CLG à travers ses (premières) réceptions. **Cahiers Ferdinand de Saussure**. Genève, v. 1, n. 69, p. 9-16, 2016.